

INTERNACIONAL



Nesta edição, a seção Internacional analisa o desempenho do presidente dos EUA, Donald Trump, os problemas internos que enfrenta e sua retórica agressiva contra a Venezuela e a Coreia do Norte.

MAIS DE MEIO ANO DO GOVERNO TRUMP

Desde sua posse, em 20 de janeiro de 2017, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tem pouco a mostrar como resultado de suas promessas eleitorais de cunho fascista. Porém, vem demonstrando que é imprevisível e pode representar um sério perigo para a humanidade em função do poderio nuclear estadunidense sobre o qual ele, como chefe das Forças Armadas, detém o controle.

Sua primeira iniciativa de impedir o ingresso de imigrantes de sete países de maioria muçulmana nos Estados Unidos por 120 dias foi barrada pela Justiça de vários estados e irá a julgamento da Suprema Corte no mês de outubro.

Suas posições iniciais de retirar as tropas do Afeganistão foram revertidas e, recentemente, ele aprovou o envio de mais soldados para este país, alegando estar adotando uma nova estratégia que levará as forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) à vitória sobre o Taleban. É uma mentira evidente, pois este visivelmente recuperou terreno desde o ataque dos Estados Unidos e seus aliados, dezesseis anos atrás, mantendo a tradição de nenhum império conseguir conquistar

o Afeganistão, como perceberam os ingleses e os russos no passado.

Sua tentativa de revogar e substituir o “Obama Care”, um seguro saúde para os mais pobres, subsidiado pelo Estado, foi aprovada na Câmara de Deputados, mas foi barrada no Senado, embora o Partido Republicano de Trump tenha maioria nas duas casas. Ironicamente, o voto republicano que o derrotou foi o do senador John McCain, que enfrentou Barack Obama e perdeu, na eleição de 2008.

O muro na fronteira do México, até o momento, não obteve dotação orçamentária do Congresso para ser construído. Embora subserviente aos Estados Unidos, o atual presidente mexicano, Peña Nieto, não se dispõe a financiar a construção, apesar da bazófia de Trump quanto a isso. No entanto, fontes da AFL-CIO, a central sindical estadunidense, acreditam que a construção ocorrerá, pois há muitos interesses econômicos em jogo.

Trump também não tem se saído bem no jogo político interno. Ele enfrenta a acusação de haver sido ajudado pelo governo russo em sua campanha eleitoral à presidência por meio de suposta

espionagem e ação de hackers contra a candidata democrata, Hillary Clinton. As evidências teriam sido encontros de auxiliares seus com diplomatas russos. Ele tentou obstruir as investigações, inicialmente pressionando o diretor-geral do FBI, James Comey, a interrompê-las e depois demitindo-o. Essas investigações prosseguem.

Outro fato foi a demora em se posicionar diante do assassinato de uma ativista anti-fascista por um militante supremacista branco durante uma manifestação deste grupo na cidade de Charlottesville, na Virgínia. Quando o fez, lamentando o ocorrido, logo depois se corrigiu dizendo que a culpa pela violência era dos dois lados.

Recentemente, abriu diálogo com alguns parlamentares do Partido Democrata que aceitaram prorrogar o déficit público como está, até dezembro. Em contrapartida, teria havido um acordo para revogar o decreto de Trump que retira a nacionalidade estadunidense de aproximadamente oitocentos mil “dreamers” (sonhadores), imigrantes que chegaram aos Estados Unidos ainda crianças e que Obama legalizou. A ampla maioria, 98%, são originários da América Latina, México em particular, e cerca de 1% são filhos de brasileiros.

Embora, como já mencionado, os republicanos sejam maioria nas duas Casas Legislativas, não tem havido consenso suficiente para aprovar alguns projetos de Trump. A procura por apoio dos democratas, em vez de ajudá-lo na aprovação, pode piorar sua situação junto ao seu partido.

A iniciativa na qual Trump tem obtido maior sucesso em sua gana de reprimir os imigrantes é a contratação de mais agentes para o controle de fronteiras e aeroportos, bem como daqueles, “os migras”, que reprimem a imigração ilegal em qualquer local do país, uma vez que a legislação aprovada depois de 11 de setembro de 2001 permite às autoridades exigirem a identificação das pessoas.

Entretanto, além desta política interna, que, aparentemente, a sociedade e as instituições têm sido capazes de neutralizar em alguma medida, as preocupações maiores dos analistas internacionais são com a política externa de Trump. Há três fatos que chamam a atenção: o envolvimento no con-

flito sírio, atacando as forças de Bassar el-Assad, a ameaça de intervenção militar na Venezuela e as ameaças bélicas contra a Coreia do Norte.

O primeiro, além de injustificável, provocou atritos com a Rússia, que atua no conflito contra o Estado Islâmico e em apoio ao governo sírio. O fim do apoio estadunidense aos rebeldes sírios extinguiria o conflito em pouco tempo.

A ameaça de intervenção militar direta na Venezuela é inaceitável, e lamentavelmente o governo golpista do Brasil e de outros vizinhos não se posicionaram a respeito repudiando a declaração. Pelo contrário, preparam-se para um jantar com Trump onde serão discutidas medidas contra o governo do presidente Nicolás Maduro a serem executadas pela direita da região. As últimas intervenções armadas dos Estados Unidos na América Latina e Caribe foram no Panamá e no Haiti nos anos 1990, mas agora é a primeira vez que isso ocorre com um país da América do Sul.

Uma ameaça que pode envolver diversos países e causar milhões de vítimas é a promessa de aplicação de “fogo e fúria” sobre a Coreia do Norte. Independentemente da retórica embutida nesta frase, o fato é que os Estados Unidos insistem em impedir aquele país de desenvolver suas armas nucleares, tarefa difícil, apesar das sanções que vêm sendo aplicadas. O presidente da Coreia do Norte, Kim Jong-un, tem sido previsível e preciso nos seus informes sobre o desenvolvimento de seu programa nuclear, até porque suas informações não se destinam apenas aos adversários, mas também à sua própria população, que, no final das contas arca com seu custo. E ele acabou de anunciar que a última fase do programa será concluída até o final do ano.

A tentativa de impedi-lo pela força das armas afetaria vários países circundantes da Coreia do Norte, em particular a Coreia do Sul, o Japão e a China, e os Estados Unidos têm um compromisso histórico de defender os dois primeiros. Portanto, a solução tem que vir de outra política, conforme bem recomenda o governo chinês, que provavelmente é quem melhor entende a lógica dos líderes coreanos.

Porém, é difícil prever o que farão Trump e os “falcoes” dos EUA neste momento.